



O IDEAL ROMÂNTICO DE JOAQUIM MANOEL DE MACEDO: SÍMBOLOS E ENIGMAS NA OBRA *A MORENINHA*

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO'S ROMANTIC IDEAL: SYMBOLS AND ENIGMAS IN *A MORENINHA*

Juscelino Francisco do Nascimento¹

João Borges da Silva²

RESUMO: Tradição e inovação são temáticas presentes em *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo. De caráter nacionalista, a obra apresenta um esforço de solidificar uma brasilidade na literatura. Nesse aspecto, este artigo tem por objetivo realizar uma análise de *A Moreninha*, buscando elementos considerados de solidificação para o romantismo brasileiro a partir das relações estabelecidas entre personagens ao longo do livro, analisando qual a influência deles na construção da narrativa que, de antemão, provocou uma reviravolta na produção literária nacional. Além disso, busca-se analisar qual a influência de tais relações entre os personagens na construção do romance, partindo-se do pressuposto que foram esses elementos que contribuíram para uma boa recepção da obra ao longo dos anos. Para a realização da análise, por meio de uma leitura crítica, utilizou-se como suporte teórico Candido (1972), Eco (1993) e Silva (1999), entre outros. Os resultados revelam diferentes expectativas românticas, bem como diferentes estilos que explicam o brilhantismo do modo de agir dos personagens. Patriotismo, fidelidade amorosa e o patriarcalismo são as bases que o autor faz uso para que, em caráter nacional, pudesse “libertar” a Literatura Brasileira das influências estrangeiras e assim, solidificar, fortalecer o Brasil a partir da sua produção literária.

Palavras-Chave: Romance nacionalista; Brasilidade; Recepção.

ABSTRACT: Tradition and innovation are pertinent themes in *A Moreninha*, by Joaquim Manoel de Macedo. Of nationalistic character, the work presents an effort to solidify a Brazilian in literature. In this aspect, this article aims to perform an analysis of *A Moreninha*, looking for elements considered solidification for Brazilian romanticism from the relations established between characters throughout the book, analyzing what influence they have in the construction of the narrative that, in advance, provoked a turn around in national literary production. In addition, it is sought to analyze the influence of such relationships between the characters in the construction of the novel, starting from the assumption that these elements contributed to a good reception of the work over the

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), Professor Pesquisador do Centro de Educação Aberta e a Distância da UFPI (CEAD/UFPI), membro do Grupo de Estudos Críticos e Avançados em Linguagem (GECAL/UnB), do Grupo de Pesquisa (Socio)Linguística, Letramentos Múltiplos e Educação (SOLEDUC/UnB) e do Núcleo de Pesquisa de Ensino do Português (NUPEP/UFPI). Professor assistente da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: juscelinosampa@hotmail.com

² Graduando em Letras/Português pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos/PI. E-mail: joao_borges_65@hotmail.com



years. For the analysis, a critical reading was used as theoretical support Candido (1972), Eco (1993) and Silva (1999), among others. The results reveal different romantic expectations as well as different styles that explain the brilliance of the characters' way of acting. Patriotism, loving fidelity and patriarchalism are the bases that the author makes use of so that, in a national character, he could "liberate" Brazilian Literature from foreign influences and thus solidify, strengthen Brazil from its literary production.

Keywords: Nationalist novel; Brazilianness; Reception.

INTRODUÇÃO

Ao ler a obra *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, o leitor depara-se com o misto de estilos que emanam da obra e que são originados a partir dos embates estabelecidos entre os personagens. Desde a sua publicação, em 1844, o romance obteve uma ampla recepção por parte do público de sua época, bem como, ao longo dos anos, assim como na contemporaneidade do século XXI. Tal obra literária é considerada, por alguns críticos, o primeiro romance caracteristicamente brasileiro, uma vez que retratou os costumes da juventude abastada do Rio de Janeiro, contemporânea ao momento de sua publicação.

A moreninha é considerada uma obra nacionalista, em que se podem observar vários traços de exaltação a natureza, além de remontar valores patriarcais, como o fato de um filho obedecer cegamente à autoridade do pai, mesmo não concordando com ela, já que a figura paterna tinha uma espécie de autoridade "divina" para conduzir moralmente a família. Por meio dessa visão, pressupõe-se a existência de um teor não somente artístico e histórico, como também moralizante, uma vez que elenca fundamentos da sociedade da época.

Nesse sentido, a obra adquire um caráter multitemático, posto que são muitos horizontes, do tradicional ao moderno, da cidade e do interior, que o norteiam e o constituem assim, a base elementar de sua proposta romântica. Em seu enredo, *A Moreninha* retrata o ambiente da corte, no entanto, sobre uma perspectiva diferente em relação ao demais, anteriores à sua época. Caracteriza-se por ser um romance puramente romântico que anseia realizar, assim como toda a literatura romântica, uma interpretação do cotidiano brasileiro, e, de forma conjunta, buscar uma modernização do país, através de uma proposta de eliminação das amarras artísticas influenciadas pelos moldes



européus que predominavam o imaginário social, mitológico, assim como independência da cultura portuguesa e seu legado histórico.

Conforme Eco (1993), o texto é um universo aberto no qual o indivíduo pode descobrir e redescobrir infinitas interconexões, e é nesse jogo de valores que se constrói o romance. Nesse sentido, é importante ressaltar que a obra em análise neste trabalho possui não somente aspectos literários, mas, como a literatura tem uma forte ligação com a história, acredita-se que existe grande viés histórico, o qual contribuiu para a construção de uma identidade propriamente brasileira.

É conveniente ressaltar, ainda, que o romance foi escrito poucos anos após a independência política brasileira, momento em que há um esforço de brasilidade na literatura, como forma de autoafirmação do nacionalismo. Além disso, é verificável que ele está mergulhado em um tempo/espço muito diferente do habitual, visto que está inserido no período monárquico, o que, de certa forma, auxilia na compreensão da obra como um todo, pois se percebe que, no Brasil do século XIX, o analfabetismo era a regra, restando somente um pequeno público leitor que constituía a exceção.

Dentro desse viés histórico, atenta-se, também, para os elementos biográficos de Joaquim Manoel de Macedo que, certamente, se instituem como o centro de sua formação literária como escritor e, muito mais o que isso, também permitem conhecer melhor o pensamento da elite social e intelectual brasileira, bem como o artifício de edificação de ideologias presente no pensamento de tal elite; observando seus projetos e anseios artístico-culturais para o país.

Candido (1972) afirma que, para se compreender um texto literário, é necessário atentar-se para os três pilares essenciais que fundamentam a compreensão de sua estrutura: a) escritores que devem ter consciência de seu papel; b) receptores (leitores) que necessitam de cautela para que não se realize uma superinterpretação, no que, sem eles, a obra não consegue sobreviver; e c) o transmissor, para que a obra chegue ao seu destino, este tem a finalidade de realizar uma ligação entre o produtor/escritor e os receptores/público.

Convencionou-se que esse transmissor seja o modo como a mensagem é transmitida, bem como o seu conteúdo, de forma que esse transmissor constitui estilos/características que possuem uma proposta literária.

A linguagem (forma como a obra é construída) é o transmissor. Diante disso, também é o objeto do nosso estudo. Na narrativa, há as aventuras amorosas de quatro



amigos cariocas – Augusto, Leopoldo e Fabrício, que aceitaram o convite de Felipe para passarem um fim de semana na casa de sua avó, D. Joana, na ilha de Paquetá. É lá onde se passa a maior parte da trama, a qual faz alusão não só à flora local, mas também aos seus habitantes, tudo sob um enfoque nacionalista romântico. Destarte, é observável o caráter moralizador presente na obra, que aborda temáticas alusivas a tal período histórico. Nesse sentido, Dias (2012, p. 14) afirma que:

Longe de poder ser considerada banal, a obra de Macedo deixa transparecer uma forte preocupação com a formação do caráter do cidadão brasileiro, bem como com a constituição de nacionalidade. [...] é em decorrência disso que emergem da sua obra tanto aspectos moralizantes e nacionalistas quanto temas como a educação feminina e a escravidão.

Acredita-se que todos estes valores contribuíram para a boa recepção da obra desde a sua publicação até os dias atuais, a exemplo de D. Carolina, com suas travessuras, que fogem dos padrões das heroínas românticas de sua época. Além disso, parte-se do princípio que seus diálogos são marcados por embates propositais por parte do autor que, em forma de duelos travados entre a jovem Carolina e Augusto, também considerado um herói romântico nato, apela para aspectos românticos para enlaçar o leitor na trama, dimensionando, assim, uma maior dimensão no alcance do público ao qual a obra se destinou.

Considerando toda essa dimensão da obra, realizou-se uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos e teses, avaliando a dimensão do romance no intento de um maior aprofundamento no assunto.

Prestes (2011, p. 30) define a pesquisa bibliográfica como:

Aquela que se efetiva tentando-se resolver um problema ou adquirir conhecimentos a partir do emprego predominante de informações já provenientes de material gráfico, sonoro ou informatizado. [...] deve-se fazer um levantamento dos textos e tipos de abordagens já trabalhadas por outros estudiosos, assimilando-se os conceitos e explorando-se os conceitos já publicados, tornando-se relevante levantar e selecionar conhecimentos já catalogados e bibliotecas, editoras, videotecas, na internet entre outras.

A esse respeito, essa pesquisa foi de teor fundamental para estabelecer-se uma reflexão em torno da obra, a partir do princípio modificador que esses estilos aflorados



na obra, por meio das inter-relações estabelecidas pelos personagens, solidificaram-na como um cânone da literatura romântica brasileira.

Mulher macediana – de menina travessa à mulher de encantos mil

A escolha da temática do amor não foi uma escolha aleatória realizada por Macedo, além de contrariar a visão de alguns de que isso se deu devido ao fato de que o romance era direcionado especialmente ao público feminino, com certa predisposição a dar preferência por temáticas como essa, haja vista a marcante presença feminina no romance.

Macedo explora bem essa temática em *A Moreninha*. No livro, Carolina é irmã de Felipe e reside com a avó na ilha de Paquetá. É uma jovem de quatorze anos, descrita como personagem de beleza sem igual, a mais bela entre todas as moças, era a representação idealizada da mulher brasileira, uma mulher que quanto ao olhar romântico, no quesito beleza, ultrapassava as loiras europeias, seus cabelos negros, seus olhos vívidos, tudo contribuía, como ressaltado, para um embelezamento ao nível de semideusa, era a mulher brasileira se emancipando e contribuindo para o fortalecimento e exaltação daquilo que era, originalmente, brasileiro, como é possível verificar no excerto abaixo, que relata a entrada de Carolina no baile:

Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturado empenho se esforçam por ver qual delas vence em graça, encantos e donaires, certo sobrepuja a travessa Moreninha, princesa daquela festa. Hábil menina é ela! Nunca seu amor próprio presidiu com tanto estudo seu toucador e, contudo, dir-se-ia que o gênio da simplicidade a penteara e vestira. Enquanto as outras moças haviam esgotado a paciência de seus cabeleireiros, posto em tributo toda a habilidade das modistas da rua do ouvidor e coberto seus colos com as mais ricas e preciosas jóias, D. Carolina dividiu seus cabelos em duas tranças, que deixou cair pelas costas; não quis ornar o pescoço com seu adereço de brilhantes, nem com seu lindo colar de esmeraldas; vestiu um finíssimo, mas simples vestido de garça, que até pecava contra a moda reinante, por não ser sobejamente comprido. E vindo assim aparecer na sala, arrebatou todas as vistas e atenções (MACEDO, p. 212-213, 2008).

Sem dúvidas, a mulher macediana, representada por Carolina, tem uma beleza ímpar. No entanto, verifica-se que a sua delicadeza não corresponde a sua beleza, uma vez que a morena é descrita como uma menina travessa, misteriosa. Talvez seja esse fato que a torne a mais cortejada pelos rapazes, ao passo que Carolina, porém, dispensa



qualquer envolvimento sentimental, visto que seu grande sonho é um dia encontrar um menino que há muito tempo conheceu, na infância. Nesse viés, a fidelidade é outra característica marcante dessa mulher romântica, alguém que, por traz de suas belezas, bem como de suas travessuras, esconde, dentro de si, um amor superior às intempéries do tempo e das circunstâncias, capaz de suportar tudo em nome do amor.

Macedo contradiz a noção de que o amor é algo efêmero, pois deixa explícito que o amor é algo sublime e somente verdadeiros amantes, que se deixavam dominar-se por ele, poderiam compreendê-lo. Carolina não sabia o seu nome, nem mesmo onde morava, mas estava ligada a ele por um simples amuleto que, durante anos, nutriu o seu amor platônico, não perdendo a esperança de um dia reencontra-lo. Pode-se ver essa cena no trecho a seguir:

– Tomai este breve, cuja cor exprime a candura da alma daquela menina. Ele contem o vosso camafeu: se tendes bastante força para ser constante e amar para sempre aquele belo anjo, dai-lho a fim de que ele o guarde com desvelo.

- Tomai este breve, cuja cor exprime as esperanças do coração daquele menino. Ele contém a vossa esmeralda: se tendes bastante força para ser constante e amar para sempre aquele bom anjo, dai-lho a fim de que ele o guarde com desvelo. Minha bela mulher executou a insinuação do velho com prontidão, e eu preendi o breve ao meu pescoço, com uma fita que me deram.

Quando tudo isso estava feito, o velho prosseguiu ainda:

- Ides meus meninos; Crescei e sedes felizes! (MACEDO, 2008, p. 42-43).

A personagem conhece Augusto durante um final de semana que ele passou na casa de sua avó, a convite de Felipe. Mesmo sem saber, os dois estavam debaixo de uma promessa de infância, a de jamais se entregar a outro amor, a não ser o da sua infância.

O tempo da narrativa é curto. O texto é marcado por profundos embates entre os personagens, especialmente entre Augusto e Dona Carolina, a moreninha. O espaço narrativo é o próprio ambiente fluminense, onde os acontecimentos ocorrem em cerca de um mês, mais especificamente entre os dias 20 de julho até o dia 20 de agosto. Esse espaço de tempo foi suficiente para o narrador trabalhar episódios, através de uma perspectiva romântica, na qual são ressaltados as belezas naturais, a vivência simples e pacata no interior e, principalmente, o destaque da mulher brasileira, de beleza muito superior, conforme o narrador, às belezas das europeias. À época, em sua maioria, loiras, mas,



agora, a morena é a que passa a ser o destaque na produção artística, como visto nesse romance.

Ainda quando não houvesse nele muita generosidade, estava para desarmá-lo o poder indizível da inocência, o poderoso magnetismo de vinte olhos belos como o planeta do dia, a influência cativadora da formosura em botão, de beleza virgem ainda, de um anjo, enfim, porque é símbolo de um anjo a virgindade de uma jovem bela (MACEDO, p.14, 2008).

É possível perceber, nesse fragmento, outra estrutura típica do romantismo: a presença de alguns comportamentos não muito peculiares à sociedade da época. Esses embates produzidos por Carolina constituíam uma forma de intimidar o objeto, Augusto; posto que, na sociedade da época, no discurso da sedução, o homem sempre tomava a iniciativa.

No entanto, tudo isso não quer dizer que o texto traz marcas históricas da sua época, visto que, através de Carolina e sua história, é possível ver os ideais do que seria uma grande mulher, alguém que possa assumir a responsabilidade dos afazeres domésticos, a sua capacidade de ser uma boa mãe e esposa, sem deixar de lado os seus dotes físicos. A moreninha possuía todas as características acima mencionadas, com o acréscimo de sua bondade e originalidade, o que leva cativo o coração de Augusto.

A inconstância de um ser

O narrador aborda as aventuras de quatro rapazes que vão passar um domingo de Sant'Ana na casa da vó de um deles, o Felipe. Os jovens lançam embates entre si sobre quem irá namorar mais garotas e não se apaixonar. Nesta ocasião, namoram as primas de Felipe. É lá que Augusto conhece a moreninha, uma jovem muito bela, que, desde o início, despertou a sua atenção.

Ela sempre resistia aos seus galanteios, pois sabia que o jovem não poderia dedicar o seu amor somente a uma mulher, mas deveria amar a todas. Assim, estaria amando intensamente e, então, descobrindo o verdadeiro sentido do amor. Além disso, tratava-se de uma aposta, pela qual quem se apaixonasse por alguma mulher naquele fim de semana seria o perdedor, restando-lhe um romance como o preço pago por perder a disputa.

A vida já tinha providenciado que, na infância dos jovens, eles já tivessem se conhecido, e que, apesar de ser apenas um encontro, gerou uma promessa, princípio modificador do



romance e que explica, em parte, a inconstância de Augusto. Foi paixão à primeira vista, o que lhes rendeu o compromisso de jamais entregarem o seu coração a outro, a não ser ao seu amante eterno. Logo após essa promessa, os enamorados, extasiados pela paixão que sentiam um pelo outro, voltam cada um para a sua terra de origem, deixando lacunas profundas em suas vidas.

Augusto, sempre marcado pela sua inconstância amorosa, caracteriza-se como um verdadeiro herói romântico, tendo em vista sua paciência na espera da amada, além de que suas decepções amorosas são apenas estratégias de manter firme o seu compromisso com a sua esposa. Enquanto isso, a bela moreninha, de semelhante modo, permaneceu em uma inconstância terrível: seus olhos brilhantes remontavam a esperança de algum dia encontrar o seu esposo, mas essa esperança não permitia que outro homem a roubasse o que tinha de mais sagrado: o seu amor pelo jovem inocente que uma vez encontrara na praia.

É nesse enfoque que se estabelece o enredo, um romance que, apesar de possuir uma linguagem simples, está envolvido nos mais complicados mistérios da vida, os quais, inseridos em uma obra com tal dimensão, devem ser analisados por parte do leitor. A esse respeito, Candido *et al.* (1972, p. 66) afirmam que

Enquanto na existência cotidiana nós quase não sabemos as causas, os motivos profundos da ação dos seres, no romance estes nos são desvendados pelo romancista, cuja função básica é justamente estabelecer e ilustrar o jogo das causas, descendo a profundidades reveladoras do espírito.

Nesse sentido, verifica-se que, à medida que o leitor se aprofunda no bosque ficcional da obra, são abertos os portões que separam o mundo conhecido do mundo idealizado, no qual são desvelados os mais profundos mistérios, revelado nas aventuras emanadas das atitudes dos personagens, seja nas cenas de humor ou no vaivém dos protagonistas, através de um típico jogo romântico de encontros e desencontros em que as forças do destino parecem ser maiores do que as próprias emoções.

Para Silva (1999, p. 545), as características românticas para a intitulação de um herói recebem as seguintes configurações: “é configurado como um rebelde que se ergue, altivo e desdenhoso, contra as leis e os limites que o oprimem, que desafiam a sociedade”.

Esse era Augusto, jovem audaz, destemido, aparentemente capaz de enfrentar as mais profundas consequências por causa de uma namorada de infância. Percebe-se, assim,



um contexto ficcional propício para o estabelecimento de clímax na narrativa, fato que é estabelecido quando ele, enlaçado pela beleza daquela jovem morena, apaixona-se perdidamente por Carolina, o que o leva a um grande dilema, pois, quando criança, havia marcado a sua vida com um encontro e, por meio desse encontro, uma promessa de amor que duraria para sempre com uma garota de 8 anos, que encontrou apenas naquele episódio e nunca mais a viu.

Tal acontecimento constitui a base de significação para o romance, já que é a partir daí que o leitor poderá compreender a sequência dos fatos sucedidos, uma vez que, aí, transparece o sentimentalismo romântico, o interior do homem se revela no mundo exterior por meio de suas atitudes.

Augusto, com 13 anos, e a menina, com apenas 8, foram casados por um senhor que estava muito enfermo. Esse homem, submergido a profundos devaneios, como marca do casamento, entregou um camafeu e uma pequena esmeralda, que passaram a ser símbolo de uma promessa que se reservariam um para o outro, custasse o preço que for.

A Ilha de Paquetá constituiu apenas o palco do reencontro dos personagens, agora, jovens independentes, marcados por inconstâncias sem igual. Essa característica, principalmente em Augusto, era utilizada como escudo contra as astutas ciladas do coração. É possível entender que não foi fácil para ele ter que reconhecer seu amor por outra pessoa que não fosse aquela que constituía a eterna amante dos seus sonhos e, assim, ter que se render aos encantos de Carolina, mesmo que ela fosse tal amante. No entanto, o que para a jovem era premeditado, para Augusto era traição, do seu coração contra si próprio:

Ah! Sr. Augusto! Sr. Augusto! A culpa é toda sua, sem dúvida. Esta bela menina, acostumada desde as faixas a exercer um poder absoluto sobre todos os que a cercam, não pôde ouvir o estudante vangloriar-se de não ter encontrado ainda uma mulher que o cativasse deveras, sem sentir o mais vivo desejo de reduzi-lo a obediente escravo de seus caprichos; ela pôs então em ação todo o poder de suas graças, ideou mesmo um plano de ataque, estudou a natureza e os fracos do inimigo; observou; bateuse: o combate foi fatal a ambos, talvez, e no fim dele a orgulhosa guerreira apalpou o seu coração e sentiu que nele havia penetrado um dardo; consultou a sua consciência e ouviu que ela respondia; se venceste também estás vencida!. (MACEDO, 2008, p. 78).

Diante de tais questões, o desfecho da narrativa remata por unir o jovem casal, que, separado pelas consequências do tempo, pensava que jamais teria a oportunidade de



se reencontrar. A inconstância de Augusto foi algo que, mesmo após serem revelados os fatos, levou a jovem moreninha à preocupação, pois, se por um lado o objeto da promessa foi preservado por ambos os personagens, na prática, Augusto a infligiu o acordado, visto que apaixonou-se pela jovem mesmo sem saber que era ela a sua prometida, desde a infância; quebrando, assim, a promessa dos enamorados, cabendo ao destino recuperá-la, para, diante disso, concretizar as expectativas do romance romântico.

Para o leitor conhecer a realidade ficcional que cerca o romance de Augusto e D. Carolina, é necessário estar atento ao contexto social que os envolve. Deve-se ter em mente que faz parte de um contexto romântico com um caráter singular, posto que, passeando pelos bosques ficcionais (narrativas), é comum verificar personagens que saem do mundo real para se aventurarem no mundo imaginário, enquanto nesta obra, verifica-se um percurso contrário: Augusto e D. Carolina, ao descobrirem a eterna ligação que existia em suas vidas, saem de um sonho para, enfim, viverem o mundo real.

Desse modo, aquele que era inconstante teve que pagar o preço pela perda de sua aposta com seus amigos, uma perda que, no quesito sentimental dos personagens, gerou lucro e também, em um contexto literário, houve contribuições, uma vez que o acordo era que aquele que perdesse teria que escrever um livro, um romance; e ele foi escrito: *A Moreninha*.

O estilo faz a obra

O romance objeto deste artigo apresenta vários estilos que, em si, vêm para enriquecer a obra, na qual sobrepõem características românticas de exaltação ao país, e onde existe um grande esforço narrativo para apresentar as riquezas brasileiras, não somente as naturais, como na descrição da paradisíaca ilha de Paquetá, mas, a partir do momento em que é escolhida uma personagem morena para desempenhar a função principal no romance.

Quando observado o contexto histórico, fica clara a origem da proposta estilista a qual propunha o autor. Macedo habitou e trabalhou em uma sociedade que estava passando por grandes e constantes mudanças econômicas e sociais. Nesse período, o Brasil passava por um processo de consolidação e orientação de pensamentos advindos ao país com a chegada da Família Real e, posteriormente, com o processo de Independência política da nação brasileira.



Diante de tal situação, as condições presentes no meio cultural e, por consequência, intelectual, foram totalmente transformadas com a vinda da Família Real ao país. Essas mudanças foram importantes porque despertaram o desejo de construir estilos que fossem peculiares à realidade brasileira, de modo que essa movimentação artística e estilística solidificou vorazmente o patriotismo brasileiro, já que a classe intelectual se viu no constrangimento de criar instituições que valorizassem a cultura e as produções artísticas tipicamente relacionadas ao cenário natural, tanto da fauna como da flora, além da beleza da mulher, que, na visão dos românticos, era destacada entre as demais.

Carolina é uma das primeiras personagens a expressar, literariamente, as belezas femininas tipicamente brasileiras, pois apresenta um nível de beleza “superior” às outras mulheres – que eram loiras. Assim, o romance transmite uma imagem de superioridade da beleza feminina brasileira, caracterizada como mulatas, comparada às pálidas mulheres europeias.

Acera de Carolina, o livro assim a retrata:

D. Carolina dividiu seus cabelos em duas tranças, que deixou cair pelas costas: não quis adornar o pescoço com seu adereço de brilhantes, nem com seu lindo colar de esmeraldas; vestiu um finíssimo, mas simples vestido de garça, que até pecava contra a moda reinante, por não ser sobejamente comprido. E vindo assim aparecer na sala, arrebatou todas as vistas e atenções.

Se um atento observador a estudasse, descobriria que ela adrede se mostrava assim, para ostentar as longas e ondedas madeixas negras, em belo contraste com a alvura de seu vestido branco, para mostrar, todo nu, o elevado colo de alabastro, que tanto a formoseia, e que seu pecado contra a moda reinante não era senão um meio sutil de que se aproveitara para deixar ver o pezinho mais bem feito e mais pequeno que se pode imaginar. (MACEDO, 2008, p. 85).

Esse olhar panorâmico sobre a mulher brasileira constitui uma forma de autoafirmação daquilo que enxergavam ser o novo rumo artístico que se deveria seguir no Brasil.

A narrativa aborda novos estilos, novas formas de enxergar a realidade, a exemplo do arquétipo do que é ser herói romântico, como se daria um namoro nesse período, o que simbolizava e como era visto o casamento: onde prevalecia o ultraconservadorismo dos pais, agora prevalece à vontade e, assim, os conflitos e interesses econômicos davam lugar ao sentimentalismo do casal.



No entanto, mesmo apresentando visões que, por vezes, fogem do comum à família tradicional da época, a obra ainda deixa transparecer o legado do patriarcalismo, porquanto aquela sociedade ainda ser patriarcal, em que a figura masculina do pai desenvolve um grande papel na organização familiar, ou seja, possui ampla autoridade sobre a família.

Até mesmo isso passa a sofrer mudanças no quesito marido - esposa, mas não no quesito pai e filho. Podemos observar essa característica no excerto a seguir:

[...] Depois de muitos rodeios e cerimônias, pediu finalmente para ir passar o dia de domingo na ilha de... e obteve em resposta um não redondo; jurou que tinha dado a sua palavra de honra de lá se achar nesse dia e o pai, para que o filho não cumprisse a palavra, nem faltasse à honra, jugou muito conveniente tranca-lo em seu quarto. (MACEDO, 2008, p. 117).

É verificável a presença de vários estilos que, de certa forma, contribuíram para o enriquecimento da obra romântica e ofereceram-lhe meios para o aprofundamento sociocultural da obra, de modo a torná-la singular, importante para a construção da literatura nacional, bem como na construção moral brasileira. Assim, esses estilos, de forma sucinta, foram agentes motivadores do expansionismo romântico que tendem a consolidar uma política cultural independente ou, pelo menos, houve uma tentativa. Logo, cada estilo ampliou o horizonte literário da obra, constituindo-a, então, como um dos romances mais conhecido no Brasil ao longo da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise crítica de *A moreninha* revela diferentes expectativas românticas, bem como diferentes estilos que explicam o modo de agir dos personagens. Desde o início da obra, é possível deduzir que se trata de um embate entre o dever e o desejo, entre o bom e o correto, já que tanto Augusto como D. Carolina foram selados com uma promessa que os impedia de agir e até mesmo de ser o que gostariam.

Os dois estavam guardados um para o outro, mas um ponto verificável é que, inicialmente, o romance foi atrapalhado pelo assédio das moças, encantadas pelas belezas do jovem rapaz, o que, na ótica natural, tornaria mais difícil o romance entre o casal, mas, no destino, era apenas mais caminho para o desfecho do romance.



Com sabe nesta breve análise aqui apresentada, é perceptível que se trata de uma obra essencialmente romântica, tendo em vista as características descritas. Um romance no qual o patriotismo ganha espaço, servindo de base para uma literatura romântica puramente nacional, em que os elementos, sejam eles naturais ou humanos, são exaltados.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio; *et al.* **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva; 1972.

DIAS, Rosália de Almeida. **O contexto histórico e as mudanças na recepção crítica de a moreninha**. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>> Acesso em: 21 mai. 2017.

ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes; 1993.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **A Moreninha**. São Paulo: Ciranda cultural; 2008.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A Pesquisa e a Construção do Conhecimento Científico: Do Planejamento Aos Textos da Escola à Academia**. 4 Ed. São Paulo: Rêspel, 2011.

SILVA, Vitor Manoel de Aguiar. **Teoria da Literatura**, 8 Ed. Coimbra - Portugal, Livraria Almedina, 1999.

Recebido em: 14 abr. 2018

Aceito em: 17 mai. 2018